

PREOCUPAÇÃO NOS EUA

Daniela Mendes
Correspondente

Nova York — A desvalorização do real frente ao dólar ontem mobilizou a comunidade financeira internacional. O presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, foi informado logo pela manhã do alargamento da banda cambial pelo secretário do Tesouro, Robert Rubin, e se disse esperançoso de que a crise brasileira se resolvesse de uma forma satisfatória.

“Estamos monitorando o desenrolar dos acontecimentos muito de perto”, disse o presidente, que chegou a chorar, na Casa Branca, ao anunciar um investimento de US\$ 2 bilhões para ajudar pessoas deficientes nos Estados Unidos. Segundo Clinton, houve conversas com membros do G-7 (grupo dos sete países mais ricos do mundo) e com o Fundo Monetário Internacional (FMI) durante o dia de ontem para avaliar a situação do país, além de contatos com autoridades brasileiras. Os comentários de Clinton ajudaram a melhorar a bolsa de Nova York, que chegou a cair 261 pontos logo cedo e fechou com queda de 125,12 pontos, ou 1,3% negativos em relação ao dia anterior.

Como os mercados no mundo entraram em queda livre por causa da desvalorização do real, o Brasil foi o centro do noticiário econômico ontem nos Estados Unidos. Nos programas de televisão, analistas passaram o dia explicando a situa-

ção do real e tentando entender o xadrez político brasileiro que levou ao agravamento da crise na última semana.

CETICISMO

Embora a desvalorização da moeda fosse uma reivindicação antiga do mercado, os investidores acham que o novo teto de variação da moeda fixado pelo governo não se sustentará. “Falta credibilidade à nova banda”, diz Felipe Illanes, analista da dívida brasileira do banco ABN Amro. “Acreditamos que o teto continuará a ser testado nos próximos dias”, completou. “Achamos que, no próximo mês, o real será desvalorizado em mais 17%, ou seja, um total de 25% no ano”, afirma Richard Medley, da Medley Global Consultores.

Na opinião do economista-chefe do banco Merrill Lynch, Bruce Steinberg, dificilmente a nova banda será mantida. “O real ainda terá de cair para encontrar um novo equilíbrio. Agora, a maioria dos países da América Latina entrará numa recessão que poderá ter efeitos noutros mercados emergentes e nos Estados Unidos e Europa”, escreveu Steinberg num relatório.

“A insegurança só vai diminuir com a aprovação das reformas. O mercado está fechado para o Brasil. Não financiará mais o país na base das expectativas, agora só com fatos concretos”, afirma Carlos Guimaraes, da área de mercados emergentes do banco Lehman Brothers.